

## MANOEL BOMFIM: um singular representante da história do pensamento educacional brasileiro\*

MANOEL BOMFIM: a singular representative of the history of the brazilian education thought

Claudefranklin Monteiro Santos\*\*

### RESUMO

A primeira metade do século XX produziu significativas discussões em torno da necessidade histórica de se pensar o Brasil. O médico sergipano Manoel Bomfim sobressaiu-se nesse cenário com destaque, tornando-se um singular representante do pensamento educacional brasileiro, sobretudo pela originalidade de suas ideias e pela coragem de expô-las em meio a um ambiente dominado pela explicação eugênica da sociedade. Bomfim, além de apontar males de origem na formação do povo brasileiro, entendeu que somente por meio da educação era possível chegar ao progresso e ao desenvolvimento pretendido pelas políticas públicas da época.

**Palavras-chaves:** Manoel Bomfim – Brasil – Educação.

### ABSTRACT

The first half of the century XX produced significant discussions around the historical need of thinking Brazil. The doctor sergipano Manoel Bomfim stood out in that scenery with prominence, becoming a singular representative of the Brazilian education thought, above all for the originality of their ideas and for the courage of exposing them amid an atmosphere dominated by the eugenic explanation of the society. Bomfim, besides pointing origin evils in the formation of the Brazilian people, understood that only through the education was possible to arrive to the progress and the development intended by the public politics of the time.

**Keywords:** Manoel Bomfim – Brazil – Education.

\* Versão ampliada da palestra proferida em Mesa Redonda do Seminário “Inclusão Social e Diversidade”. Programação Comemorativa dos 45 Anos da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE, 09 de maio de 2013.

\*\* Doutorando em História pela UFPE. Professor do Departamento de História (DHI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisador do GPCIR (Grupo de Pesquisa Cultura, Identidades e Religiosidades). Membro do Movimento Antônio Garcia Filho (Academia Sergipana de Letras) e da Academia Lagartense de Letras (ALL). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE).

## O SUJEITO

Manoel Bomfim nasceu em Aracaju-SE, no dia 8 de agosto de 1868. Era filho de Paulino José do Bomfim e de Maria Joaquina do Bomfim. Ainda jovem, 12 anos, tendo iniciado seus estudos em terra natal, passou pela Faculdade de Medicina da Bahia (1886), e, no Rio de Janeiro - onde viveu uma boa parte do tempo - continuou e encerrou sua formação, recebendo o grau de Doutor em 1890, com a tese *Das Nephrites*.

O médico sergipano viveu uma época de profundas transformações. Politicamente, conheceu pelo menos três momentos muito significativos da História do Brasil: o fim do Império, a implantação da República e a revolução de 1930. Intelectualmente, o pensamento ilustrado cedeu espaço a todo tipo de teorias, boa parte delas, importadas, a exemplo do positivismo de Comte; do materialismo; as ideias alemãs e o darwinismo social.

Já instalado no Rio de Janeiro, Bomfim deu início a sua carreira de médico, nomeado para exercer a profissão na Polícia do Estado do Rio de Janeiro, tornando-se, posteriormente, tenente - cirurgião da Brigada Policial (1892).

Ainda exercendo a Medicina, ele já apontava para o que viria a ser mais tarde uma de suas principais preocupações: a educação. Em 1896 foi nomeado sub-diretor do “pedagogium”. Para José Maria, este órgão servia para aperfeiçoar os métodos de instrução de professores, tanto do setor público, como do privado. Uma espécie de centro de aperfeiçoamento de mestres<sup>1</sup>.

Naquele mesmo ano, colaborou bastante para a difusão da educação, especialmente na imprensa, quando chegou a ser redator e secretário do jornal “A República”. Seus artigos revelavam um Bomfim preocupado em discutir a educação numa perspectiva cívica e transformadora.

---

<sup>1</sup> SILVA, José Maria de O. Da Educação à revolução – Radicalismo em Manoel Bomfim. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). São Paulo, 1991. p.17.

No final do século XIX, ele viveu algum tempo em Mococa-SP, quando passou por um drama familiar (perda da filha, Maria<sup>2</sup>), o que o fez abandonar a medicina e voltar para o Rio de Janeiro<sup>3</sup>. Depois disso, estudou psicologia experimental em Paris, com Alfred Binet e Georges Dumas entre os anos 1902 e 1903<sup>4</sup>. Entre 1906 e 1907, foi Diretor Geral de Instrução Pública do Distrito Federal (RJ).

Nos quatro últimos anos de sua vida, o autor parece como que tomado pelos últimos acontecimentos (Revolução de 1930). “Inflamado”, pode-se dizer assim, de amor pelo Brasil e sentindo-se revoltado com o que presenciava, procura fazer uma revisão da história do Brasil e nela resgatar a identidade nacional brasileira. Os livros *O Brasil na América*<sup>5</sup> (1929), *O Brasil na História*<sup>6</sup> (1930) e o *Brasil Nação*<sup>7</sup> (1931) são o resultado deste contexto, que representam a trilogia nacionalista do seu pensamento.

Vítima de câncer na próstata, Manoel Bomfim morreu em 21 de abril de 1932, na cidade do Rio de Janeiro. Sua obra chama a atenção nos nossos dias. Reeditou-se *A América Latina* e vários trabalhos têm o pensamento do autor por objeto entre eles, várias dissertações de mestrado enfocando o seu pensamento historiográfico.

Durante anos, inclusive por seu principal biógrafo, Ronaldo Conde Aguiar<sup>8</sup>, se atribui a ele a peja de um “rebelde esquecido”, opinião que pode ser resignificada se levarmos em conta a divergência que Manoel Bomfim teve com alguns dos intelectuais mais poderosos e renomados

<sup>2</sup> Manoel Bomfim foi casado com Natividade Aurora de Oliveira.

<sup>3</sup> Admitiu-se fracassado na tentativa de salvá-la da morte, sobretudo por ser médico.

<sup>4</sup> Nesse período, escreveu a obra que o tornaria célebre no meio intelectual: *América Latina – Males de Origem*, publicada em 1905.

<sup>5</sup> BOMFIM, Manoel. *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929.

<sup>6</sup> BOMFIM, Manoel. *O Brasil na História; deturpação das tradições, degradação política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

<sup>7</sup> BOMFIM, Manoel. *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

<sup>8</sup> Cf. AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido*. Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

de seu tempo. Entre eles, Sívio Romero foi a peleja mais conhecida. Considerando seu poder no meio intelectual e junto aos órgãos de divulgação de ideias, não é difícil pensar num Manoel Bomfim boicotado e eclipsado, o que nos parece ter sido.

## O BRASIL

O pensamento social brasileiro, entre o final do século XIX e início do XX, representou a recepção de ideias nascidas na Europa e adequadas à realidade brasileira, além de fomentarem as primeiras teorias explicativas da identidade brasileira.

O racionalismo da ilustração deu lugar ao determinismo. O novo panorama intelectual dessa época influenciou muitos estudiosos brasileiros, entre eles, Manoel Bomfim. O darwinismo social tornou-se como um modelo explicativo para a “intelligentsia” nacional. Os conceitos de raça e meio passaram a ser largamente utilizados pelos intelectuais, especialmente no que se refere ao caráter do brasileiro: “(...) a sociedade é vista como um organismo submetido às mesmas leis dos organismos vivos<sup>9</sup>”.

Desse modo, era comum predominar nas ideias de boa parte dos homens de letras daquele contexto, temas como: o determinismo geográfico e cultural, a herança cultural, o parasitismo e a exploração. O atraso do Brasil era explicado como resultado dos condicionamentos da raça e do meio, na visão, sobretudo de intelectuais como Sívio Romero (1851-1914); enquanto Manoel Bomfim, na contramão, via o papel da corrosiva herança cultural portuguesa no caráter nacional brasileiro.

Em grande parte, perpassava toda essa discussão a ideia de progresso. Os males do Brasil, por exemplo, para muitos teóricos brasileiros estavam na “raça” negra, que não teria chegado a um estado de evolução civilizatório, vivendo como animais selvagens, de fácil subjugação pelos brancos, mais fortes e aptos.

---

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 67.

Em síntese, aquelas discussões revelavam a intenção de se “reformular” o Brasil, no sentido até estético da palavra. Suas feições coloniais, e até mesmo imperiais, deveriam ter um aspecto novo, que coadunasse com o modelo francês. Entretanto, em meio a este cosmopolitismo contagiante, a questão nacional emergia com mais intensidade, e nem todos os intelectuais participaram dessa, digamos, avalanche cultural. Entre eles, Manoel Bomfim.

Bomfim foi um crítico contumaz, radical mesmo. Nacionalista apaixonado, ele elaborou uma explicação sobre a identidade nacional em linguagem erudita e ao mesmo tempo dura. A originalidade da sua interpretação do Brasil gerou polêmicas agressivas para o seu tempo.

Por outro lado, seu nacionalismo lhe dava uma lucidez que escapava a muitos de seus contemporâneos, o que lhe fornecia uma clareza de pensamento incomum, uma visão aguda e mesmo internacionalista. Uma visão desarraigada das visões oficiais, mais preocupada com o resgate da nacionalidade brasileira a partir da história, ainda que não isentável de criar outras imagens, outros mitos e outros heróis.

O Brasil de Manoel Bomfim está presente em sua trilogia clássica: *Brasil na América* (1929), *O Brasil na história* (1930) e *O Brasil Nação* (1931). Ela foi escrita no contexto da revolução de 30. Sabe-se que os anos que antecederam o movimento de 1930 foram momentos marcados por profundas contestações. O coronelismo passou a ser posto em xeque por alguns segmentos da sociedade brasileira e a ideia de mudança se afirma com o transcorrer do processo. Seu pensamento também propunha saídas revolucionárias para o país.

Em geral, as obras pretenderam não só fazer uma história do Brasil, como ressaltar a sua identidade. Discute questões diversas, que vão do nacionalismo à raça; lança duras críticas aos portugueses e à monarquia, bem como à república. Avesso também à história oficial, elas buscaram desmistificar muitas questões e fatos consagrados pela historiografia brasileira.

Herdeiros das limitações portuguesas, para Manoel Bomfim os brasileiros continuaram submetidos à influência intelectual francesa, processo a que chamou de “influxo doutrinário”, responsável por uma espécie de imitação “barata” da cultura francesa, sem a perspectiva nacional.

Com uma paixão que lhe foi característica e o ardor nacional, ele sentiu a necessidade de procurar ver na história a “fabricação” do Brasil, o fundamento da nacionalidade brasileira. Opondo-se ao que ele entendia como sendo uma tradição pseudoconsciente de sua nacionalidade

## A EDUCAÇÃO

Poucas pessoas foram tão combativas à maneira de realizar o papel da educação da Primeira República, embora participasse da mesma em cargos de confiança, quanto Manoel Bomfim.

“América Latina - Males de Origem”<sup>10</sup> (1905) é uma das obras mais conhecidas do intelectual sergipano. De cunho nacionalista, desenvolveu uma temática nova no pensamento brasileiro, estudando a dependência econômica da América Latina frente à exploração das nações mais capitalizadas num esquema biológico conhecido como parasitismo, onde aquele continente era vítima, e seus exploradores os parasitas sugadores de riquezas.

Como vimos, a educação para Manoel Bomfim tinha uma função cívica e transformadora. Foram muitas as obras que fez para a educação, tais como: “Lições de Pedagogia” (1915); “Pensar e Dizer” (1923); “O Método dos Testes” (1926); “Cultura e educação do Povo Brasileiro” (1932). Além das que tiveram a parceria de Olavo Bilac, a exemplo de “Prática da Língua Portuguesa” (1899); “Livro de Leitura” (1901); “Através do Brasil” (1910). Sem mencionar os mais variados artigos e pronunciamentos na Câmara Federal.

Quanto a sua obra, não se pode negar originalidade e a coragem de denunciar e mexer, como um bom médico, nas feridas do sistema educacional e histórico, até político da Primeira República, embora existam enes dificuldades para uma compreensão mais crítica e ampla de suas ideias e posições.

---

<sup>10</sup> BOMFIM, Manoel. *América Latina – Males de Origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

De uma leitura mais cuidadosa de “O Brasil Nação” (1931), depreende-se a percepção de um espírito inquieto, preocupado com o futuro da nação brasileira, diante de uma República que há muito já se apresentava como frustrante, em especial a intelectuais comprometidos com a causa pública, como era o caso do intelectual sergipano, Manoel Bomfim. É até, por demais, estranho, ver num homem de idade avançada um ardor juvenil de teor combativo.

A linguagem utilizada por Bomfim em “O Brasil Nação” é perspicaz e felina. Detentor de uma erudição muito particular, o autor em diversos momentos procura fazer uma análise do Brasil como a de um corpo doentio, repleto de males a que ele chama de “males de origem”, sem poupar expressões duras e fortes, que chega a empolgar até mesmo os críticos mais advertidos.

Bomfim entendia que a nação estava doente e que se fazia necessária uma revolução que se concretizaria pela instrução pública popular, pela preparação do povo para saber organizar uma nação livre e independente de mandonismos egoístas e centralizadores que envolveram a Primeira república.

Em substituição à ideia de uma educação para a dominação cínica e sublimar, uma educação transformadora que conduzisse o povo brasileiro ao pleno desenvolvimento de suas riquezas potenciais e capacidades, com dirigentes preparados para exercer o bem-comum, e não somente aviltar seus bolsos, com discursos malogrados na inépcia e falsidade de suas ações.

Em “O Brasil Nação”, Bomfim não só adverte para a importância da educação para a cura dos males do país, mas inaugura uma maneira particular e inovadora de pensar o Brasil, colocando o povo na cena principal do espetáculo da história humana, e adverte para uma urgência em se colocar isto em prática.

## ATRAVÉS DO BRASIL

No ano de 2005, concluímos um trabalho de dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Trata-se do texto *Bilac e Bomfim Através do Brasil*. Na ocasião, a pesquisa teve a orientação da Prof. Dra. Terezinha Alves de Oliva, também especialista em Manoel Bomfim, estudando seu pensamento geográfico<sup>11</sup>.

Debruçamos-nos sobre a primeira edição do livro de leitura *Através do Brasil* (1910), levando adiante uma análise da obra didática a partir de seus aspectos externos e internos, vendo-o, sobretudo, como um objeto cultural multifacetado. Em seguida, observamos a narrativa, enquanto portadora de representações, buscando-se captar dela os pontos considerados os mais evidentes do discurso.

A parceria literária na produção do livro destinado à escola foi uma das muitas práticas engendradas no afã de atingir o público-alvo, o aluno. Entre o final do século XIX e a primeira década do século XX formaram-se inúmeras parcerias, algumas delas notórias no Brasil inteiro.

Um dos iniciadores do gênero no país foi poeta carioca Olavo Bilac (1865-1918). Ele publicou (sozinho ou em parceria com Coelho Neto e ainda com Manoel Bomfim) nada menos do que sete títulos infantis ou didáticos entre 1899 e 1911.

A parceria Bilac e Bomfim foi uma das mais bem sucedidas em todos os gêneros, inclusive editorial. Além disso, coroou uma amizade que teria nascido por volta de 1888, quando o segundo chegara ao Rio de Janeiro, vindo da Bahia, para concluir seus estudos na faculdade de medicina, além de destacar suas afinidades ideológicas, especialmente no que diz respeito à capacidade transformadora da educação<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> OLIVA, Terzinha Alves de. *O Pensamento Geográfico em Manoel Bomfim*. Rio Claro/SP, 1998. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

<sup>12</sup> BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 63

Não se sabe ao certo ainda o que os aproximou, inclusive, nesse particular da produção de livros para fins didáticos. As opiniões são muitas e vão desde a convergência de pensamentos para a temática do patriotismo até o fato de frequentarem os mesmos lugares do Rio de Janeiro, ocasião em que puderam, certamente, discutir algum assunto em comum, como o interesse pela educação dos pequenos brasileiros.

Longe de usufruírem de uma unanimidade discursiva, o que se percebe na obra didática da dupla, particularmente no livro *Através do Brasil*, é resultado de um ajuste de pensamentos e de ideias em torno da educação brasileira daquele início de século. É bem verdade, que os vendo em separado percebe-se muito de próprio em cada um deles. Se em Bilac domina um patriotismo ufanista, em Bomfim um nacionalismo mais pé no chão, pode-se dizer assim, nesses termos mesmo.

Juntos, Bilac e Bomfim publicaram três livros<sup>13</sup>. *Através do Brasil* foi o que alcançou maior notoriedade e sucesso no campo editorial. Foi publicado em 1910 pela Editora Francisco Alves. Trata-se de um livro de leitura, de caráter narrativo, destinado aos dois últimos anos das Escolas Primárias, o chamado “curso médio”. Tal narrativa se desenvolve em torno de uma viagem, percorrendo todo o país, realizada por dois meninos da cidade, Carlos e Alfredo, o primeiro de quinze e o segundo de dez anos. Sabedores de que seu pai, o engenheiro Meneses, a trabalho no interior do Estado de Pernambuco, estava acometido de uma enfermidade, os garotos empreendem, em busca do mesmo, uma longa aventura que começa nesse Estado e vai ter seu desfecho no Rio Grande do Sul.

Este percurso apresenta sete momentos, todos eles repletos de aventura e de muita emoção. A primeira parte cobre as cidades de Recife, Palmares e Garanhuns. A segunda e terceira partes se desenrolam entre os Estados de Alagoas e Bahia, passando por cidades como Piranhas, Paulo Afonso, Jatobá, Boa Vista, Juazeiro e Petrolina. No transcurso da viagem, a notícia da morte de um engenheiro, confundido com o

---

<sup>13</sup> Livro de Composição (1899), Livro de Leitura (1901) e *Através do Brasil* (1910).

pai dos meninos, fez mudar os rumos da aventura, de tal forma que o quarto momento da narrativa segue em direção ao Estado da Bahia, passando por Vila Nova, Serrinha, Alagonhias e Salvador.

Notificados sobre a situação de orfandade dos meninos, os parentes do Rio Grande do Sul, dois tios e a avó paterna, providenciam a ida dos pequenos viajantes para aquela região. A quinta, sexta e sétima parte da viagem seguem por cidades como Vitória, Rio de Janeiro, Queluz, Lavrinhas, Cruzeiro, Cachoeira, Taubaté, São Paulo, Santos, Paranaguá, Rio Grande e Pelotas.

No meio da viagem, os meninos conhecem Juvêncio, um mulato da zona rural, típico mestiço, que tinha entre dezesseis e dezessete anos, órfão de pai e mãe. Inicia-se então, uma amizade concretizada em clima de muitas dificuldades e apertos. Esse personagem é responsável pelas peripécias mais instigantes da obra.

Enquanto os meninos seguiam em direção ao Sul, Bomfim e Bilac fazem Juvêncio encaminhar-se pelo Norte do Brasil. A viagem do jovem sertanejo seguiu em direção a Manaus, passando por Aracaju, Maceió, Fortaleza, São Luiz e Belém. No meio do caminho ele conhece um marinheiro de quem se torna amigo. Este marinheiro é sergipano, natural de Maruim.

As várias peripécias encaminham os jovens a um grande final. O pai dos meninos Carlos e Alfredo não morrerá. Na verdade, tudo não passou de um engano. A avó paterna foi a responsável pela boa nova. Um telegrama enviado aos meninos é o desfecho da obra. Nele, a notícia de que o pai haveria de ir ao encontro filhos no Rio Grande do Sul, levando o amigo Juvêncio.

Como se vê, a obra gira em torno de uma trama e esta move não só os personagens em torno dela, mas trazem à tona fatos que levavam seu leitor privilegiado, alunos em formação inicial, a várias situações de aprendizagem, dos principais matizes do conhecimento à época, como o português, a matemática, a história, a geografia, a ciência, entre outros.

Esse tipo de estilo e de técnica pedagógica de escrita de livros de leitura faz da obra de Bilac e Bomfim um romance de formação, notadamente o livro *Através do Brasil*, também conhecido como

*Bildungsroman*<sup>14</sup>. Esse tipo de literatura deve iniciar ou girar em torno de um ou mais protagonistas; deve contar com uma viagem, um deslocamento de espaço como estratégia pedagógica; o protagonista deve entrar em conflito com o pai ou outro elemento de parentesco ou não, configurando um conflito de gerações que, pelo contraste, ajuda a estabelecer a identidade do protagonista; no mínimo, ele deve passar por duas situações uma de revés e outra benéfica, o que lhe garanta um aprendizado profissional que deve conduzir o protagonista à descoberta de sua verdadeira vocação.<sup>15</sup>

De modo geral, graficamente o livro oferece um bom impacto visual, passando a ideia de organização e sobriedade, não se distanciando muito do padrão da época para aquele tipo de literatura. Afora outras questões de ordem externas que pudemos destrinchar e amadurecer ao longo de nosso estudo, merece destaque a sua produção e circulação, até para reputá-la entre as mais renomadas obras brasileiras do gênero.

A obra foi editada e publicada numa época em que parte significativa da edição dos livros brasileiros foi impressa na França. Circulou durante mais de meio século no ambiente escolar. Numa população de 20.215.000 pessoas, o seu público específico correspondia a 3,15%, num total de 638.378 alunos matriculados no curso Médio das Escolas Primárias<sup>16</sup>.

Tais números, considerando que quase 80% da população era analfabeta, demonstram o peso que esse público consumidor passou a ter para os editores da época. Segundo dados da Editora Francisco Alves, em sua primeira edição, o *Através do Brasil*, teve uma tiragem de 4 mil exemplares, seguida de uma segunda edição em 1913, com a mesma quantidade<sup>17</sup>. Somando as duas primeiras tiragens, chega-se à conclusão de que o livro atendeu a 1,25% do público escolar, o que

<sup>14</sup> Expressão alemã para livro de leitura ou de formação.

<sup>15</sup> Cf. BOTELHO, André. *Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

<sup>16</sup> Dados extraídos de LAJOLO, Marisa (Org.). "Introdução". In: BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. pp. 11-32.

<sup>17</sup> Idem.

não deixou de ser uma significativa fatia do mercado consumidor, dado que não ele era o único produto daquela natureza.

Nosso trabalho também levou em conta a análise de seus aspectos internos, alguns dos quais muito atuais e outros ainda sem resolução no cenário da educação brasileira atual. Vejamos o que foi possível detectar.

Bilac e Bomfim afirmam que o professor é uma figura essencial na tarefa de ministrar à criança as noções gerais do conhecimento humano, pondo o papel do livro em segundo plano, que se apresenta como um ingrediente de ajuda na concretização do processo ensino-aprendizagem. Algo muito avançado para aquele momento da educação no Brasil.

Nesse sentido, assim se referem:

(...) é elle quem principalmente deve levar a criança a aprender por si mesma, isto é: a pôr em contribuição todas a suas energias e capacidades naturaes, de modo a adquirir os conhecimentos mediante um esforço próprio.<sup>18</sup>

Como já dissemos, a trama é um elemento importante na narrativa do *Através do Brasil*, e, para tanto merece destaque a carga dramática que os autores imprimem à obras, com um senso de aventura típico das grandes histórias do tipo. Longe ser um aspecto de estranhamento para o aluno/leitor, o drama era uma estratégia importante na necessidade de entreter e prender a sua atenção.

A representação infantil de seus personagens apresenta duas feições: ora pueril, ora madura. Nesse último caso, chama atenção o caso do personagem Juvêncio, típico para entende esse tipo de comportamento, talvez pretendido pelos autores para formar. Em alguns momentos, os irmãos portam-se com uma maturidade que escapa a própria idade.

O *Através do Brasil* reproduz a discriminação sexual existente na sociedade naquele contexto: início do século XX. Não

---

<sup>18</sup> BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*; leitura para o curso médio das escolas primárias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1910. p. VI

bastasse isso, cria ainda sua própria maneira de reforçar os papéis tradicionais que são atribuídos a homens e mulheres. O caráter repressivo da escola fortalece os componentes de passividade, que as meninas aprendem em todas as situações sociais. Às mulheres ficavam reservadas as tarefas domésticas ou, no máximo, as “profissões femininas”, mais desvalorizadas, quando trabalhavam fora.

Por meio de uma personagem negra que aparece nos capítulos 3 e 4. Os autores enfatizam três características na personagem: pobre, preta e velha. De alguma forma, a condição de pobreza da personagem em questão denuncia a situação de falta de assistência pelo Estado. Além disso, há a condição de analfabeta.

A ênfase na família é outra característica destacável na obra, sobretudo o amor fraterno, bem como o amor paterno dos filhos para com o pai e vice-versa. A ideia de família como mola mestra da sociedade é evidente.

O *Através do Brasil* também se mostra um livro emblemático no que diz respeito aos exemplos de boa conduta moral. Suas páginas estão repletas de ensinamentos morais e de lições de vida. Sentimentos e valores como amizade, companheirismo, afeto, confiança, perseverança, cordialidade, hospitalidade, generosidade, caridade, carinho e cooperação são, a todo o momento, colocados em evidência.

A leitura de *Através do Brasil* proporciona ainda uma série de objetivos pedagógicos, formas de encarar a educação e a vida brasileira, bem como aspectos outros componentes da nação, afora outros elementos que foram aprofundados em nosso trabalho. Livro de leitura para o curso primário, ele traz um conjunto de representações.

Sua utilização nas escolas brasileiras não se apresentou meramente como complemento de um saber específico, e sim como ponto de partida para o conhecimento de noções de diversos campos do conhecimento, como já o dissemos. Por isso, essa obra traz a proposta de um ensino que leve o sujeito a aprender e não somente a memorizar regras de língua portuguesa e normas de construção de um texto. Mais do que um livro de leitura, o compêndio de Bilac e Bomfim era um manual de aprendizagem, não só para o aluno como para o professor.

Desse modo, entre os anos 1910 e 1965, o *Através do Brasil* conheceu 66 edições e seguiu sendo adotado como texto nas escolas do Brasil. Por mais de seis décadas, calcula-se, por alto, uma quantidade de mais de meio milhão de exemplares vendidos. Apesar da dificuldade de acesso a todas as edições, espera-se para os próximos anos a realização de um trabalho que possibilite fazer um paralelo analítico entre elas, o que evidentemente seria importante para perceber suas mudanças, seja por elas determinadas ou influenciadas, sejam as sofridas por elas pelas circunstâncias históricas no campo da educação.

A título de registro, sobretudo para os curiosos no assunto, a obra foi reeditada no ano 2000, pela Companhia das Letras. Tornou-se então especificamente um objeto de memória. Mas esta edição privilegiou apenas o texto escrito, eliminando inteiramente a iconografia e as características gráficas da primeira edição. Suprimiu capítulos, modificou títulos, acrescentou outros e suprimiu partes do texto original. De qualquer sorte, não deixou de ser um importante registro que põe Bilac e Bomfim entre os mais significativos e representativos nomes da história do pensamento educacional brasileiro, contribuindo de forma indelével no campo dos livros didáticos e da formação.

Artigo recebido em 31 de março de 2013.

Aprovado em 30 de maio de 2013.